

uma edição

CASA

Agosto/Setembro
2006

Nº 38

Portugal € 3,30

&

arquitectura & construção

Perfil
ateliê Promontório
o imaginário colectivo

Dossiê
eco-arquitectura

Património
Fundação Gulbenkian
50 anos de arte concreta

Tektónica
em antestreia
os novos materiais



olhares sobre o futuro

casas fortes

projectos de hoje

REVISTA BIMESTRAL



00038



à escala do TERRITÓRIO

Com cerca de 60 arquitectos em Portugal, uma filial em Espanha e perspectiva de uma segunda em Berlim, o Promontório Arquitectos é um exemplo de organização e crescimento sustentado. Um gigante no panorama dos gabinetes de arquitectura do nosso país.

Texto de **Pedro Ferreira Mendes**





1. Museu Tavares Proença. Castelo Branco. 1996 2. Bloco de apartamentos. Telheiras. 1997

Será, no mínimo, pouco comum que uma amizade nascida entre três estudantes no primeiro ano de uma universidade resulte – e se perpetue, à distância de quase 20 anos – num dos ateliês de arquitectura mais bem-sucedidos em Portugal. “O ateliê nasceu na faculdade. Nós estávamos todos no Porto (fizemos lá o primeiro ano) e criámos uma amizade logo de início. No terceiro ou quarto ano já trabalhávamos juntos, e no quinto já tínhamos fundado o ateliê.” Quem assim recorda o nascimento do Promontório Arquitectos é Paulo Martins Barata, um dos protagonistas desta (feliz) história, a

par com João Luís Ferreira e Paulo Perloiro. João Perloiro, irmão de Paulo, juntar-se-ia depois aos três amigos e seriam os quatro a criar o ateliê, em 1998, em Lisboa. O Promontório viria ainda a ganhar um quinto sócio, Pedro Appleton, que se iniciara no gabinete como colaborador. Como se adivinha, o arranque do ateliê enquanto entidade que proporcionasse autonomia aos seus sócios não começou desde o primeiro dia. De início, os quatro arquitectos desenvolviam o projecto Promontório em paralelo com outros trabalhos (como exemplo, Paulo Perloiro esteve na então Soane

Imobiliária, João Luís Ferreira nos japoneses da Aoki, na Penha Longa, Paulo Martins Barata na RTKL, em Miami), e só quando a cadência das encomendas alcançou algum ritmo puderam os sócios assentar em Lisboa para se dedicarem em exclusivo ao gabinete. A máquina começou então a funcionar em pleno, impulsionada por uma ideia de permanência, solidez e robustez na arquitectura, mobilizada por uma forte coesão de equipa e programada para uma intervenção urbana em grande escala. Acreditam, os sócios, que as patologias encontradas em edifícios recentes resultam ►





3. Xerox Portugal. Lisboa. Concurso. 1.º Prémio. 2001 4. Moradias em banda. Azeitão. 2001 5. Hotel Lote 1.10. Expo'98. Lisboa. Concurso. 1.º Prémio. 2002 6. Dolce Vita. Miraflores. Oeiras. 2002 7. Universidade de Luzerna. Suíça. Concurso. 2002 8. Bloco de Carnide. Apartamentos. Lisboa. 2002 9. Complexo do Oriente. Apartamentos. Expo'98. Lisboa. 2002

de problemas de projecto e não de construção. Da procura das soluções gráficas e fotogenicamente muito interessantes, despidas de juntas, rodapés, alhetas, lambris, aduelas, mas que fatalmente se traduzem em construções frágeis.

De novo, Paulo Martins Barata: "Temos, de facto, uma relação difícil com arquitecturas que sejam frágeis, gráficas, que são fotogénicas mas que depois se desfazem. Sempre recusámos, por exemplo, fazer grandes planos contínuos de alvenaria branca em edifícios de dois ou três pisos, pois sabemos que vão rebentar por todos os lados se não exis-

tir um ponto de descarga para a dilatação." Uma filosofia recuperada a partir de uma ideia de tectónica, perfilhada por arquitectos "queridos" ao Promontório, como Kenneth Frampton (com quem Paulo Barata trabalhou em Columbia) e outros cuja arquitectura soube resistir ao tempo, casos de Pardo Monteiro em Portugal, Codruch de Seramenat em Espanha, Louis Khan nos Estados Unidos, ou Luis Barragán no México.

A organização em torno de uma ideia

Apesar de estarmos perante uma equipa dotada de uma forte coesão, cinco sócios

juntos num ateliê pode facilmente desambar em atritos se a organização não estiver muito bem oleada. No Promontório, cada sócio é director de um projecto e a ele compete todas as tarefas inerentes, desde angariar e assinar o contrato a conceber a proposta de honorários. Mesmo que recusada a ideia de áreas de especialização no seio do Promontório, é inevitável que ao longo dos anos tivessem sido desenvolvidas algumas áreas de conhecimento. Pedro Appleton e João Perloiro são disso exemplo, conhecedores como poucos em Portugal dos segredos de oceanários, assim como Paulo Perloiro. ▶



10



11



12



13



14

10. Palácio da Flor da Murta. Apartamentos. Lisboa. Remodelação e ampliação. 2003 11. Cobertura das ruínas romanas. Tróia. Em projecto. 2003
 12. Guarajuba. Hotel e Apartamentos. Bahia. Brasil. 2005 13. Santiago da Praia. Tivoli Hotel e Centro de Conferências. Cabo Verde. Em curso. 2005
 14. Hotel Tivoli Victoria. Algarve. Em construção. 2005

que acumulou um saber especial sobre grandes superfícies comerciais. Assim, é natural que se surgir uma destas encomendas ela vá parar à mão de uma destas pessoas, aproveitando valências naturais, mesmo que não se trate propriamente de especialização.

Um ateliê organizado e que se organiza em torno da ideia de uma intervenção à escala do território, não renegando, mesmo que pontualmente, programas de outra índole, como remodelações de interiores ou projectos para pequenas moradias. No Promontório há uma procura dos novos urbanismos, como são os turísticos, mas também de in-

tervenções ao nível do tecido urbano, como o plano para Entrecampos. Este último, à que designam de "urbanismo de recuperação", que passa muitas vezes por cortar vistas "para coisas que foram feitas erradamente", ou por tentar estabelecer novas relações entre zonas históricas e zonas novas. Situam, no projecto de edifícios de habitação para Telheiras (1997), o verdadeiro ponto de partida do ateliê, pela complexidade do programa. Desde então, o crescimento do Promontório não mais parou, e hoje pode gabar-se de assinar encomendas em todo o Mundo dos mais variados programas – de

museus a hotéis, de edifícios de habitação a resorts turísticos, de oceanários a centros comerciais (ver caixa). Um crescimento sustentado baseado numa relação de confiança que aprofundam com os promotores. "Temos uma coisa curiosa: fixamos os clientes. Tipicamente, fazemos um hotel e passamos a trabalhar com esse cliente em todos os hotéis que ele faça, o mesmo se passa no caso de uma cooperativa de habitação ou de um grupo turístico", refere Paulo Barata, acrescentando que, hoje, os promotores esperam de um arquitecto "um pouco mais do que a pura e dura resolução de um ▶





19



20



A EQUIPA

Os cinco sócios do Promontório Arquitectos obtiveram o M.Arch pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. João Perloiro (nascido em 1962) recebeu-o em 1987. Em 1988, foi a vez de João Luís Ferreira (n. 1963), Paulo Perloiro (n. 1964) e Paulo Martins Barata (n. 1965), e em 1993 a de Pedro Appleton (n. 1970). Paulo Barata viria ainda a alcançar o MBA pela Universidade de Edimburgo em 1991 e o grau de doutoramento pela ETH Zurique em 2000.

15. Gabinete do Primeiro-Ministro. Projecto em curso, 2005 16. Casino-Hotel. Tróia. Projecto em curso, 2005 17. Fluvialário. Mora. Concurso. 1.º Prémio. Em projecto, 2005 18. Praça de Entrecampos (EPUL). Lisboa. Em construção, 2005 19. Casa Pátio. Grândola. Alentejo. Em projecto, 2006 20. SportsForum. Ovar. Em projecto, 2006

projecto e de um programa". Assim, investem o tempo que for preciso a estudar um programa, para antecipar problemas e dúvidas que possam vir a ser colocadas pelo cliente. Uma forma também de, uma vez ganho o reconhecimento do promotor, poderem impor algumas soluções. "Por exemplo, na área turística, o tipo de gosto está muito formatado. O turismo é a área dos clichés, e só se percebermos um pouco de turismo, dos problemas e questões que se levantam, conseguiremos antecipar problemas, e os clientes ficam-nos gratos por isso. Não apenas por sermos arquitectos, desenvolvermos as plantas e os projectos, mas mais do que

isso: por anteciparmos problemas, propormos soluções, alternativas que nunca foram utilizadas anteriormente." Para se ter uma ideia do fluxo de trabalho deste ateliê, são dezenas os projectos que de momento tem em mãos. De um hotel para Cabo Verde a um casino para Tróia, de um fluvialário para Mora a um centro comercial para Granada (Espanha), de uma casa para Grândola a um edifício de habitação para Sofia (Bulgária), passando por projectos em Itália e Turquia, o gabinete não tem "mãos a medir". E ainda dispõe da "guarda-avanzada" em Madrid, um ateliê gerido pelo arquitecto argentino Adrian Beloso-Baker que é detido em 80 por cento pelo Promon-

tório. Uma experiência concretizada há cerca de dois anos que tem permitido um intercâmbio entre arquitectos portugueses e espanhóis, e que, face aos bons resultados, poderá vir a ser repetida em Berlim, "onde o mercado se mostra promissor".

Em Lisboa, o Promontório continua a crescer, sendo já cerca de 60 os arquitectos que nele trabalham. Interessante é constatar o facto de pouco se notar este número quando se circula pelas instalações do ateliê, na Rua Fábrica de Material de Guerra, ao Poço do Bispo. Uma prova da boa organização interna e do notável trabalho arquitectónico na recuperação do antigo armazém. ■